

ARTE E GEOGRAFIA: HORIZONTES DE PRÁTICAS CRIATIVAS

Art and Geography: horizons of creative practices

Arte y Geografía: horizontes de prácticas creativas



Carlos Roberto Bernardes de SOUZA JUNIOR – Universidade Estadual de Maringá (UEM); *ORCID ID:* <https://orcid.org/0000-0003-2630-657X>
URL: <http://lattes.cnpq.br/6257873263442881>
EMAIL: carlosroberto2094@gmail.com

RESUMO

Desde suas origens como ciência moderna, o conhecimento geográfico tem estabelecido contatos com as práticas artísticas. Esse processo se intensificou após a década de 1960 com a difusão do movimento epistemológico humanista e recentemente têm ganhado um novo fôlego em razão do (re)torno criativo em geografia. Baseado nessas tendências, o ensaio almeja desvelar as articulações contemporâneas entre Geografia e Arte, com foco nas geografias criativas. Para tanto, o texto realiza uma discussão de cunho teórico-metodológico pautada na bibliografia das geografias culturais, em concepções fenomenológicas da arte e em alguns exemplos de aplicações. Ao conceberem as artes como processos que envolvem matrizes de ideias dotadas de múltiplos sentidos, o (re)torno criativo é marcado por estudos que destacam o caráter (in)visível, (in)tangível, (in)dizível e (im)possível das experiências geográficas. Tratam-se de investigações que articulam performances, grafite, literatura, pintura, instalação e outras manifestações artísticas que se associam de modo sensível, intersubjetivo e intercorporal às dinâmicas espaciais. Para além de promover o estudo geográfico de obras de arte e daquilo que elas provocam no mundo, as geografias criativas também difundem práticas de pesquisa imersivas, experimentais e inspiradas nas expressões artísticas. Desse modo, produções geopoéticas, geoestéticas e arte-geográficas oferecem caminhos metodológicos, teóricos e linguísticos para a renovação das investigações das geografias culturais contemporâneas.

Palavras-chave: Geografias Criativas; Geografia da Arte; (Re)torno criativo.

ABSTRACT

Since its origins as a modern science, geographical knowledge has established contact with artistic practices. This process intensified after the 1960s with the diffusion of the humanistic epistemological movement and has recently gained a breath of fresh air due to the creative (re)turn in geography. By surveying these tendencies, this essay aims to unravel the contemporary articulations between

<http://periodicos.apps.uem.br/index.php/GEOTemas/index>

This is an open access article under the CC BY Creative Commons license
Copyright (c) 2024 Revista Geotemas

Histórico do artigo

Recebido: 11 novembro, 2023

Aceito: 29 março, 2024

Publicado: 02 maio, 2024

Geography and Art, focusing on creative geographies. Thus, this text follows a theoretical and methodological discussion based on the bibliography of cultural geographies and phenomenological conceptions of art and presents some examples of its applications. By conceiving arts as processes that involve idea matrixes with multiple meanings, the creative (re)turn is marked by studies that highlight the (in)visible, (in)tangible, (un)speakable, and (im)possible geographical experiences. These investigations concern performances, graffiti, literature, painting, installation, and other artistic manifestations that are sensibly, intersubjectively, and intercorporeally associated with spatial dynamics. Beyond promoting the geographical studies of artworks and what they produce in the world, creative geographies also disseminate immersive, experimental, and art-inspired research practices. Thus, geopoetic, geoaesthetic, and art-geographical productions offer methodological, theoretical, and linguistic pathways for contemporary cultural geographies' investigations.

Keywords: Creative Geographies; Geography of Art; Creative (re)turn.

RESUMEN

Desde sus orígenes como ciencia moderna, el conocimiento geográfico ha establecido contactos con las prácticas artísticas. Este proceso se intensificó después de la década de 1960 con la difusión del movimiento epistemológico humanista y recientemente ha cobrado nuevo impulso debido al (re)volver creativo en geografía. Basándose en estas tendencias, el ensayo busca desvelar las articulaciones contemporáneas entre Geografía y Arte, centrándose en las geografías creativas. Para ello, el texto realiza una discusión de índole teórico-metodológica basada en la bibliografía de las geografías culturales, en concepciones fenomenológicas del arte y en algunos ejemplos de aplicaciones. Al concebir las artes como procesos que involucran matrices de ideas dotadas de múltiples sentidos, el (re)volver creativo se caracteriza por estudios que destacan el carácter (in)visible, (in)tangible, (in)decible e (im)posible de las experiencias geográficas. Se trata de investigaciones que articulan performances, grafitis, literatura, pintura, instalación y otras manifestaciones artísticas que se asocian de manera sensible, intersubjetiva e intercorporal a las dinámicas espaciales. Más allá de promover el estudio geográfico de obras de arte y de lo que provocan en el mundo, las geografías creativas también difunden prácticas de investigación inmersivas, experimentales e inspiradas en las expresiones artísticas. De este modo, las producciones geopoéticas, geoestéticas y arte-geográficas ofrecen caminos metodológicos, teóricos y lingüísticos para la renovación de investigaciones de las geografías culturales contemporáneas.

Palabras clave: Geografías Creativas; Geografía del Arte; (Re)volver Creativo.

1 INTRODUÇÃO

As artes são formas de expressões que possuem o potencial de abordar questões que envolvem as dimensões sensíveis das experiências. Como desdobramentos criativos com múltiplas manifestações (pinturas, instalações, teatro, dança, performance, etc.), as artes possuem também o potencial de ofertar perspectivas acerca do caráter existencial, intersubjetivo e efêmero das dinâmicas espaciais.

Destarte, no contexto das práticas geográficas há um crescente movimento desde o início da década de 2010 que anima essas aproximações com as artes. Conforme discorre

Hawkins (2011, 2012, 2014, 2015, 2018), esse processo conforma um (re)torno criativo (*creative (re)turn*) em que ambos campos das humanidades se entrecruzam na conformação do movimento epistemológico das geografias criativas (*creative geographies*). A nomenclatura proposta pela autora visa salientar que esses esforços transcendem uma análise geográfica de obras de arte, de forma a também envolver a utilização de metodologias artísticas no fazer geográfico.

A recente coletânea organizada por Dozena (2020a) evidencia que no Brasil esses debates também têm provocado as(os) geógrafas(os) culturais a se envolverem nas dialogias práticas, teóricas e analíticas advindas das artes. Os contatos interdisciplinares costurados entre Geografia e Arte podem retroalimentar ambas áreas do conhecimento, de maneira a fertilizar caminhos para explicitar a multiplicidade de expressões dos lugares, das paisagens, das regiões e dos territórios vividos.

Em função da crescente importância dessa temática para a ciência geográfica, esse ensaio almeja desvelar as articulações contemporâneas entre Geografia e Arte, com foco no (re)torno criativo e seus desdobramentos. Para tanto, realizo uma discussão de cunho teórico-metodológico pautada na bibliografia das geografias culturais, em concepções fenomenológicas da arte e em alguns exemplos de aplicações dessas teorias.

Com a finalidade de abarcar a pluralidade de engajamentos entre esses campos, segmentei o ensaio em três seções. Na primeira, abordo quais são os caminhos para as aproximações entre Geografia e Arte. Na seção seguinte, explico os sentidos e as potencialidades do retorno criativo em geografia. Na última parte, debato e situo como as práticas criativas têm infundido o fazer geográfico contemporâneo.

2 POR QUE ARTICULAR GEOGRAFIA E ARTE?

Desde suas origens como ciência moderna, o conhecimento geográfico teve proximidade com as práticas artísticas, o que é particularmente evidente nas influências advindas do romantismo germânico (Gomes, 2013). Conforme evidencia Holzer (2020a), em seu projeto inicial Kantiano, a Geografia foi considerada como um campo que também envolvia aspectos sensíveis, morais e intuitivos do mundo e das paisagens, o que a aproximava das artes.

A concepção científica fundadora da consolidação geográfica dos precursores prussianos confluía por uma noção abrangente acerca das múltiplas relações entre as diferentes áreas do conhecimento. Hawkins (2014, p.28, tradução livre) destaca

que “Seguindo Burke, Kant e outros, Humboldt acreditava em um único catalizador entre as artes e as ciências: uma apreciação subjetiva da ordem universal da natureza”.

Esse contato reflete as convergências da Geografia com múltiplas visualidades, as quais perpassam o estudo das paisagens e das regiões. Essa característica pode ser evidenciada na construção dos quadros geográficos compostos pelos geógrafos clássicos (Gomes, 2013; 2017). Tais concepções demonstram que o papel da visão e dos regimes escópicos de visualidades estão presentes como parte integral do lugar da ciência geográfica entre os diversos campos do conhecimento sedimentados na alvorada da modernidade.

O próprio ideário usual sobre o que é Geografia, muitas vezes associado a mapas, figuras de diversos países e outras formas de visualidades, revela como o imaginário da ciência geográfica sobre si mesma está entremeadado por uma zona de contato com as artes (Hawkins, 2014). Como parte do fazer das(os) geógrafas(os), a imagem e o visual ocupam papéis centrais na identidade disciplinar e nos procedimentos efetivados por suas(seus) estudiosas(os).

Embora as aproximações com as práticas artísticas tenham arrefecido no início do século XX em decorrência da ascensão do movimento epistemológico neopositivista, o interesse por algumas formas de visualidade foi mantido. Havia um regime escópico atrelado aos modelos matemáticos de localização espacial ou à sistematização cartográfica que preterira a visão de totalidade dos precursores.

Ante à censura da imaginação, na década de 1960 o surgimento da Geografia Humanista e das influências fenomenológicas infundiu o imaginário geográfico com novas maneiras de se relacionar com as multiplicidades de imagens envoltas nas dinâmicas do espaço geográfico. Conforme aponta Silva (2022, p.226), essa perspectiva “leva em consideração a subjetividade no conhecimento do entorno, reconhecendo a proximidade da Geografia com a arte e a poesia”. Esse contato resultou em uma ampliação do temário disciplinar que retomou o princípio arte-geográfico latente desde a origem dessa ciência.

Ao sublinhar o interesse pelas percepções das paisagens, pelas imagens mentais dos lugares e pelas relações corpo-espaciais, novas aproximações com as imagens, especialmente aquelas concernentes a imaginários e intersubjetividades, foram arquitetadas por essas(es) geógrafas(os) (Almeida, 2021). No contato com as artes, o movimento humanista buscava caminhos para se aproximar das diferentes experiências espaciais.

Tuan (1978), por exemplo, impeliu os geógrafos a se aproximarem das expressões

literárias e das artes de um modo mais amplo, pois a partir delas seria possível ter contato com externalizações sensíveis da realidade geográfica. Nas palavras do autor (Tuan, 1978, p.196, tradução livre), tanto a arte quanto a ciência “segmentam a realidade e formam figuras do mundo. Essas figuras mais ou menos abstratas, paradoxalmente, nos permitem compreender a concretude da experiência”. O reposicionamento das práticas geográficas entre as humanidades foi e é uma trilha fértil para tensionar as fronteiras disciplinares e melhor entender as situações experienciais das espacialidades.

Segundo Marandola Júnior (2010, p.22), cabe entender que “A Arte, assim como a Ciência, também brota da relação orgânica do homem com o meio, e por isso é tão importante para a Geografia. Nas manifestações artísticas estão inscritas geografias da mesma forma que foram necessárias geografias para concebê-las”. Aproximar-se das práticas das(os) artistas potencializa esse campo de compreensões que envolve desde como a espacialidade influencia na elaboração de obras de arte até a investigação dos sentidos espaciais produzidos pelas obras.

No contato com as artes, compreende-se que “Os artistas fazem arte com o espaço e não só no espaço, apreendendo-o subjetivamente” (Dozena, 2020b, p.386). Em transcendência à redutibilidade das visualidades geográficas neopositivistas, as abordagens infundidas pelas influências fenomenológicas permitem averiguar as intersubjetividades das relações entre ser e mundo que estão na raiz das espacialidades. Direta ou indiretamente, a criatividade é afetada pelas agências da realidade geográfica que nela afluem e que dela emergem.

Cada expressão artística é uma emersão que flui no e do mundo em que se insere. As obras de arte produzem e são produzidas pelos lugares, as paisagens e os territórios que as influenciam e que por elas são influenciadas. Na condição de desdobramentos experienciais de ser-no-mundo, as expressões artísticas são indissociáveis das formas de vir-a-ser da realidade geográfica. Ou seja, elas confluem como aberturas sensoriais à geograficidade, ao horizonte existencial originário da direção e do vínculo espacial descrito por Dardel (2011).

Almeida (2021, p.129) salienta que “se arte é a escrita criativa do espaço, é inegável que ela se irmana com a geografia, que busca interpretar e explicar o espaço”. Ao se aventurar pela geograficidade da arte, as(os) geógrafas(os) podem buscar significações, sentidos e sensibilidades espaciais que ofertam vislumbres acerca da intangibilidade, invisibilidade e indizibilidade da experiência geográfica.

Abordar essa temática é mais que fazer uma Geografia da Arte, pois também abarca

a compreensão da pluralidade de afetos que são consubstanciados nas formas de pensar e fazer das artes. É fundamental reconhecer, como o faz Holzer (2020b, p.144) que “A impressão artística não é ‘simples intuição do sensível’ ou ‘percepção pura’, mas a experiência emocional das representações, a tomada de consciência dos valores como ato superior ao do conhecimento”. O próprio sentido experiencial da arte também precisa ser entendido como uma efluência sensível de formas de ser-no-mundo que enovelam geograficidades, saberes e práticas corporificadas.

Ferreira e Costa (2021) salientam que a preocupação com as imagens não pode se restringir à descrição do caráter extensivo do espaço geográfico. Ainda que a descrição pragmático-extensiva se atente às visualidades, existem brechas e imaginações geográficas de invisibilidades que também precisam ser consideradas nesse campo disciplinar. Mais que trabalhar com as artes como apêndices ou transcrições do real, também se faz necessário compreender as tramas que estão envoltas em sua concepção, assim como as variadas sensibilidades, ideias e sentidos a elas inerentes.

Tratar da arte é se enveredar por tramas de afetos que envolvem e superam aquilo que está cristalizado nas representações e visualidades, de modo a também imergir em horizontes de significações espaço-sensoriais implícitas. As geograficidades da criação, da interação, da performance e da observação artística costumam modos de interação intersubjetivas e intercorporais com a realidade geográfica que podem colaborar na construção de formas de pensar que ampliem as concepções sobre os lugares e as paisagens experienciais.

Como incita o *Manifesto de lo imposible y la responsabilidad del arte* (Bianchi, 2022), as expressões artísticas enovelam afetos transformativos que possibilitam influir em alterações da realidade, de modo a externalizarem formas de se relacionar com os mundos onde as pessoas se inserem. Nas palavras da artista (Bianchi, 2022, p.13, tradução livre) “na arte, o impossível se atualiza em ato, o impensável recupera materialidade, o inimaginável toma forma. Seus artifícios, materiais e matérias (perceptivas, sensoriais, visuais, discursivas) excedem a objetividade, a racionalidade, a moralidade e a lógica”. Dessa maneira, a dialogia arte-geografia pode ser uma tessitura de confluências rumo a compreensões dos horizontes afetivos que plasmam as experiências geográficas, destacando aquilo que há de (in)visível e de (im)possível no âmago das espacialidades de ser-no-mundo.

Ao abarcar essas outras sensibilidades e expressões, os horizontes artísticos possibilitam que as práticas da geografia superem a análise restrita à extensividade. No

contato com a arte, o fazer geográfico potencialmente se infunde de maneiras de construir conhecimentos que ultrapassem a cisão sujeito-objeto e o descritivismo, permitindo-se construir geopoéticas criativas que elucidem as geograficidades.

É nesse sentido que têm caminhado vários trabalhos de geógrafas(os) no desvelar e na interação arte-geográfica. Conforme descreve Hawkins (2014; 2018), se difundem pesquisas em uma ampla variação de temáticas, as quais abordam pinturas surrealistas, esculturas, instalações contemporâneas, ativismos, práticas artísticas de inspiração situacionista, arte sonora, entre outras. Nas diversas vias adotadas, as(os) pesquisadoras(es) visam práticas interdisciplinares que superam um olhar de sobrevoos e pautado na extensividade em prol de análises acerca das intensividades afetivas, emocionais e experienciais das espacialidades.

Volvey (2007) aponta que as abordagens geográficas da arte efetivadas na geografia contemporânea, especialmente no contexto francófono e anglófono, demonstram a disposição para a pluridisciplinaridade e a construção de trabalhos colaborativos que impelem pelo “questionamento do regime de cientificidade da geografia contemporânea” (Volvey, 2007, p. 6, tradução livre). Em decorrência de seu longo histórico de articulações interdisciplinares, as artes, assim como as geografias, podem expandir visões de mundo rumo a transpor as fronteiras impostas pela pretensa objetividade científica cartesiana.

Em acordo ao que discorre Hawkins (2011), as obras de arte e os fazeres artísticos podem ofertar caminhos para desestabilizar as divisões entre sujeito e objeto, de modo a valorizar dimensões relacionais e afetivas. Imergir nas potencialidades dessa zona de contato criativo e geoestético é um caminho para vislumbrar as teias de intersubjetividades e intercorporeidades que estão imbricados nas experiências geográficas.

Articular Geografia e Arte é uma senda para superar o pragmatismo analítico em busca de outras aberturas para as dinâmicas existenciais permeadas por (in)tangibilidades, (in)dizibilidades e (in)visibilidades. São geograficidades vividas, sensíveis e plurais que podem ser vislumbradas por meio dos fazeres criativos que se constituem na interface entre essas áreas do conhecimento. Nesse sentido, ecoo o apontado por Carvalho (2021, p.155):

É nessa plethora que diversos trabalhos geográficos têm recorrido à arte para compreender o real. Se seguirmos estritamente a via racional-científica poderemos perder de vista a aparência imediata dos fenômenos até não conseguirmos visualizá-los face a face e nossa pretensa objetividade perde fôlego porque não se acessa as coisas em seu ser, se restringindo ao mensurável e/ou ao observável [...].

Por meio da abertura à dimensão existencial das expressões artísticas, aquilo que não é mensurável, aferível ou reduzível aos regimes escópicos tradicionais também pode ser apreendido. Ao infundir-se da poética criativa das artes, as geografias culturais podem arquitetar processos de renovação, constituindo caminhos que possibilitem investigar geografidades envoltas em afetos, práticas corporificadas, arranjos coabitacionais, intervenções criativas e relações espaciais que estão para além da visibilidade.

Embora a Geografia tenha uma longa tradição de produção de imagens, como atestam a cartografia, os croquis e os quadros geográficos (Gomes, 2017) ainda é necessário pensar em como outras expressões e linguagens imagéticas podem ser conceitualmente interpretadas. Na avaliação de Hawkins (2015), ainda hoje as(os) geógrafas(os) são menos conceitualmente habilitadas(os) na lida com as imagens do que com as palavras. O recente (re)interesse pelas práticas artísticas é uma rota para expandir o repertório de visualidades e de expressões geográficas para além do instrumental e mensurável tradicional dessa ciência.

É este o desafio e o chamado que justifica a associação entre Geografia e Arte que tem incitado várias(os) geógrafas(os) na alvorada desse século, de modo a retomar o processo catalizador entre as artes e as ciências latente desde o projeto precursor de Humboldt.

3 UM (RE)TORNO CRIATIVO EM GEOGRAFIA?

Em acordo ao evidenciado na seção precedente, existem múltiplas razões e potenciais para uma virada artística no fazer das geografias culturais. Além disso, a recente expansão dos estudos geográficos em contato pluridisciplinar com as artes pode ser entendida como uma *retomada* aos princípios dos precursores românticos da Geografia moderna. É em função dessa condição que Hawkins (2011; 2012; 2014; 2015; 2018) propõe que o movimento atual seja lido como um *retorno criativo*.

Recuperar esse projeto de infusão de visualidades, sensibilidades e imaginações artísticas ao temário disciplinar e às metodologias geográficas implica em compor tramas que valorizem o sentido de totalidade experiencial da geograficidade. Trata-se de um modo de também expressar as articulações criativas das *geo-grafias* que concernem as dimensões espaço-existenciais de ser-no-mundo. Nas palavras de Hawkins e Straughan (2015, p. 294, tradução livre) é basilar ressaltar que:

Re-pensar o 'geo' nos conecta novamente ao longo legado de questões geográficas ligadas ao estético e, em particular às geoestéticas humboldtianas, nas quais a produção de conhecimento sobre o cosmos era marcada por uma apreciação das forças animadas da terra e as repostas estéticas a elas.

Dar continuidade a esse projeto de composição de poéticas e quadros geográficos implica na efetivação de um retorno aos princípios criativos que estavam no cerne da proposta originária da consolidação moderna da disciplina sem, no entanto, se prender a esses contornos. Trata-se de inspirar-se nas suas incitações geoestéticas ao mesmo tempo que as plasma com influências, abordagens e proposições que as aproximam das artes contemporâneas.

Também é importante ressaltar que o *retorno criativo* não almeja ser uma reorientação completa do conhecimento geográfico. Como afirma Hawkins (2018), ele refere-se a um conjunto de possibilidades explorativas, experimentais e processuais de direcionamento da Geografia rumo a realização de práticas criativas que a aproximam dos saberes-fazeres ligados às artes.

A ideia das geografias criativas perpassa por interrelacionar três questões-chaves postas por Hawkins (2014, p.237, tradução livre): “Qual ‘obra’ a arte faz no mundo? Quais são as geografias da produção e do consumo das obras de arte? E, terceira, como nós encontramos as obras de arte?”. A sugestão da autora expressa um horizonte teórico e prático que explicita que se pode compreender as dinâmicas espaciais de inspiração, criação, interação, difusão e recepção das obras de arte.

Para além de uma Geografia da Arte, para Hawkins (2014, p.1, tradução livre), “a ideia das geografias criativas aborda mais amplamente variadas abordagens e formas de criatividade”. Dessa maneira, o (re)torno criativo compõe uma virada que multiplica os pontos de contato interdisciplinares, salientando como as variadas expressões (geo)poéticas, sensoriais e performáticas ofertam caminhos para reposicionar o fazer geográfico. Valoriza-se de um só golpe tanto as imaginações criativas das(os) geógrafas(os) quanto as criatividades das(dos) artistas.

O (re)torno criativo pode ser uma trilha para colaborar para a investigação de pluriversos experienciais e de outros mundos sensoriais e existenciais que não são necessariamente reduzíveis à descrição ou interpretação tradicional das ciências modernas (Eshun; Madge, 2016). Tratam-se de práticas corporificadas, cosmovisões ancestrais, interações xamânicas, experiências de interações com animais não-humanos ou formas de sensibilidade que escapam à linearidade analítica do enfoque textual e representacional

prevalente.

A multiplicação de geografias criativas reflete o crescente interesse das(os) geógrafas(os) culturais, especialmente as(os) anglófonas(os) e francófonas(os), em pesquisas que concernem aspectos intercorporais e intersubjetivos da realidade geográfica. Essa aproximação com questões que transcendem espacialidades extensivas, visíveis e tangíveis, segundo Hawkins (2015, p.248, tradução livre), “demanda meios por meios dos quais se possa engajar, pesquisar e re-presentar as experiências sensoriais, as emoções, as atmosferas afetivas e os fluxos de vida”. Na abertura para as possibilidades criativas, podem-se encontrar caminhos férteis para a interação com tais dimensões da geograficidade.

Gratão (2023, p.114) incita que “Múltiplas são as expressões de linguagens manifestas na arte – *poiesis* - poesia-poética. Experiências vividas expressas e manifestas na arte e revelando suas geografias. A Geografia não corresponde a um mundo a explicar; ela corresponde a um mundo a (des)velar”. As geografias criativas salientam essa capacidade de desvelamento, de explicitar geograficidades ocultas e (im)possíveis. As artes são dinâmicas de entrançamento no mundo que expressam aberturas arte-geográficas situadas para além das aparências dos fenômenos espaciais, pois conformam lugares, paisagens e territórios densos em sobreposições pluriversais de arranjos afetivos.

Um exemplo que reflete essa senda investigativa pode ser encontrado em Engelmann (2021). Ela engajou-se com experimentos em atmosferas emocionais e meteorológicas por meio da imersão nas práticas corporificadas das instalações aéreas efêmeras feitas pelo coletivo *Aerocene Community*. Por de sua pesquisa participativa no projeto artístico liderado por Tomás Saraceno, ela demonstrou que a atenção para a “flutuação” como movimento aerostático e, simultaneamente, social-afetivo nas relações com o grupo de participantes e espectadores pode criar situações de ativismo ecológico contra os combustíveis fósseis e a poluição atmosférica.

Como evidenciado, para além de ser uma expressão a ser analisada, a arte pode ser uma metodologia de pesquisa que envolve outras sensibilidades criativas. Destarte, as experiências vividas no âmbito das investigações tornam-se práticas corporificadas em que os percursos de engajamentos multiplicam afetos que permitem acessar as dimensões de (in)visibilidade, (in)tangibilidade e (in)dizibilidade da realidade geográfica.

Dozena (2020b, p. 391) sintetiza esse raciocínio ao apontar que “a arte é fundamental para a criação de outras realidades pelas inspirações criativas que dela brotam, e permite que a geografia se reorganize teórica-metodologicamente, em sua

relação próxima, com e no mundo”. Em revés ao posicionamento passivo e descritivo, essa posição evoca a necessidade problematizar o fazer geográfico, de modo a o aproximar de outras expressividades do mundo.

As *geo-grafias* que advém dessas interações salientam que as práticas criativas são mais que representações da extensividade. As artes e suas performances criam efeitos, afetos e intersubjetividades que atingem as dimensões transcóporais das experiências geográficas. Em transcendência a coisas estáticas que têm significações prontas para serem interpretadas, as obras de arte *criam* realidades dinâmicas que se transformam no contato com aqueles que com elas interagem, multiplicando horizontes de sentidos.

As geografias criativas provocam que “precisamos nos direcionar rumo a um sentido da arte como ‘produtiva de’, participando dos fazeres das artes ante a focar nas questões que concernem à ideia de arte como ‘produzida por’.” (Hawkins, 2014, p.10, tradução livre). Mais que buscar significados representativos que teriam sido sedimentados nas obras de arte pelas(os) artistas ou de tentar traçar a correlação entre as trajetórias socioespaciais daquelas(es) que as produziram, é possível se direcionar para os mundos e os afetos gerados pelas artes. Mesmo quando efêmeras, a concretização das performances e dos objetos artísticos revelam práticas e processos criativos que superam a intencionalidade originária de seu nascimento.

Para Hawkins (2014), a arte não é apenas uma reprodução ou tradução da realidade espacial na forma de uma representação, ela também circula e age no mundo independentemente de seus criadores. Há arranjos de agências e afetos que estão envoltos nas maneiras como as obras de arte se articulam com as espacialidades onde se situam, de maneira a estarem constantemente sendo ressignificadas em razão da interação com o público e com o meio. As obras também são criadoras de experiências espaciais.

Geografias criativas que se atentam a essa questão abrem vias de acesso às múltiplas relações afetivas, imaginativas e (im)possíveis nas geograficidades dos mundos das obras de arte. Carlotti (2014) coaduna a essa perspectiva ao apontar para a reciprocidade de significações geradas pelas obras artísticas em suas relações com os lugares e com aqueles que com elas interagem. Cada instalação, pintura ou performance potencialmente é também uma experiência sensível de paisagem que evoca nexos geostéticos polissêmicos e pluriversais (Carlotti, 2014).

As artes dispõem de capacidades transformativas porque realizam eventos de ruptura que possuem significados advindos de sua própria dinâmica espacial de interação com o mundo. Conforme explica Kaushik (2013), na concepção fenomenológica as obras

de arte são consideradas como realidades que existem para além de seus criadores e não se reduzem à lógica representacional. Aquilo que a arte faz no mundo são irrupções afetivas em devir, irreduzíveis à descrição ou mensuração.

Na perspectiva das geografias criativas, explicam Hawkins e Straughan (2015), as artes e as estéticas não concernem apenas objetos representativos de sentidos situados pelos artistas, mas modos de vir-a-ser-no-mundo. As obras de arte, nas suas variadas manifestações, são expressões de envolvimentos existenciais, também elas mesmo criando suas próprias realidades e geograficidades.

O manifesto de Bianchi (2022, p.13, tradução livre) ressalta essa dimensão ao impelir que “a arte dispõe de elementos para mobilizar mundos que (todavia) não existem”. As expressões artísticas abordadas no contexto do (re)torno criativo em Geografia visam valorizar esse potencial de envolvimento e de (re)criação de mundos ainda não existentes, de modo a evocar virtualidades contra-hegemônicas. Mobilizar o (im)possível é uma forma de construir novos de imaginários geográficos de convivialidade e enfrentamento às condições hodiernas, de forma a sensibilizar olhares para variadas problemáticas.

Deus, Paiva e Parreiras (2023) exemplificam essa potencialidade ao analisarem o Circuito Urbano de Arte em Belo Horizonte/MG, o qual caracteriza-se como um festival de grafite na capital mineira. Eles situam que essa manifestação artística de rua cria paisagens urbanas emergentes com temáticas e símbolos anti-hegemônicos que se alinham às insurgências da ecologia política, de modo a constituir um esforço de descolonização.

Ao mobilizar afetos por meio da alteração de paisagens, as obras de arte podem criar tramas de enfrentamentos e disrupções espaciais, como evidenciado no caso supracitado. Intervenções artísticas têm um abrangente poder de interação que faz com que suas performances criativas superem as representações e gerem fluxos imaginativos que provoquem aqueles que com elas interagem. O (re)torno criativo sugere a multiplicação da interação geográfica com essas práticas.

Esse esforço é convergente com a compreensão fenomenológica de que as obras de arte são realidades inacabadas centradas na relacionalidade. Como escreveu Wood (2019), as artes são laboratórios fenomênicos da imaginação que possibilitam a experimentação de outros mundos (im)possíveis. Elas incitam as pessoas a projetarem existências e experiências que (ainda) não se realizaram a contemplarem outros pontos de vista ou a potencializarem eventos alternativos.

Os sentidos das obras de arte não estão cristalizados como totalidades estanques a serem apreendidas e decifradas, pois se tratam de variações criativas de mundos. Merleau-

Ponty (2012, p.157, grifos no original) explica que:

O que é insubstituível na obra de arte – o que faz dela não apenas uma ocasião de prazer, mas um órgão do espírito que encontra sua analogia em todo pensamento filosófico ou político se for produtivo – é que ela contém, melhor do que ideias, *matrizes de ideias*; ela nos fornece emblemas cujo sentido jamais acabaremos de desenvolver, e, justamente porque se instala e nos instala num mundo do qual não temos a chave, ela nos ensina a ver e nos faz pensar como nenhuma obra analítica pode fazê-lo, porque nenhuma análise pode descobrir num objeto outra coisa se não o que nele pusemos.

A reflexão do fenomenólogo elucida que imergir em uma obra de arte é um esforço intercorporal e intersubjetivo em que o circuito ativo da percepção daquele que interage com a obra também coloca nela algum sentido. Para além do que foi representado pelas intenções originárias do artista, aquilo que é situado em uma pintura, instalação ou intervenção urbana forma uma espacialidade, duradoura ou efêmera, em que os corpos-consciências interagem de modo relacional.

A obra criativa continua operante nas variadas interpretações que são feitas sobre, na e a partir da própria obra de arte (Kaushik, 2013). Por esse princípio, os sentidos nunca estão acabados porque as matrizes de ideias plasmadas pelas obras de arte conformam horizontes existenciais imersivos que provocam a percepção a se instalar naquele mundo. Kaushik (2013) explana que essa concepção merleau-pontiana colabora para elucidar que cada prática artística é produtiva de infinitos nexos sensíveis de significados, apresentações e interações.

Merleau-Ponty (1960) problematiza que a obra somente adquire sentido em sua relação intercorporificada com aqueles que com ela interagem. Ao imergir no mundo de uma obra, no espaço que é criado por sua constituição material, os corpos perceptivos seguem as linhas, caminhos e lógicas postas em ordem pelo artista, mas ao mesmo tempo as ultrapassam rumo a também depositar nelas os sentidos de seus próprios mundos-de-vida.

No (re)torno criativo em geografia, considera-se que essas matrizes de ideias são férteis polos de compreensão de fluxos de geograficidade. As obras de arte compõem expressões e, ao mesmo tempo, consubstanciam realidades que existem independentemente de uma significação identificável.

De acordo com a reflexão de Merleau-Ponty (2012, 2013), ao erigir suas obras, os artistas constituem formas de existência que transcendem a cisão sujeito-objeto. Isso

implica que as obras se tornam produtoras de atmosferas afetivas que transcendem seus criadores, pois, nas palavras do fenomenólogo, “O sentido daquilo que o artista vai dizer *não está* em parte alguma, nem nas coisas, que ainda não têm sentido, nem nele mesmo, em sua vida não formulada” (Merleau-Ponty, 2013, p.139, grifos no original). As práticas criativas das artes ultrapassam a possibilidade de alcance de uma significação objetiva, desafiando o olhar cientificista cartesiano que nelas busca algo mensurável e descritível.

Fazer geografias criativas é entender que não é suficiente buscar nas obras de arte as trajetórias socioespaciais dos artistas, também é basilar vislumbrar as significações produzidas pelas próprias expressões artísticas. Ao transcender os lampejos representacionais e soma-los à relacionalidade dos nexos afetivos gerados pelas espacialidades internas ou diegéticas das artes, as(os) geógrafas(os) podem salientar as múltiplas dimensões de geograficidades presentes nos mundos delas.

Essa forma de conduzir o (re)torno criativo implica em considerar o inacabamento das matrizes de ideias da arte como sua virtude para a infusão nas análises das geografias culturais. Para além das visualidades, as criações artísticas são consideradas como arranjos afetivos plurais com variadas possibilidades de contribuição para a apreensão das geograficidades do (in)tangível e do (in)dizível.

Se, como reitera Mendes (2022, p.50), “A intraduzibilidade da arte faz com que todo discurso sobre ela seja parcial; nenhuma interpretação conterà um tipo absoluto de verdade, mas pode contribuir para sua compreensão”, é na consideração das múltiplas significações que o (re)torno criativo ganha corpo. Ao valorizar essas variadas matrizes de ideias, pode-se alcançar sentidos sobre as geografias (in)visíveis ou (im)possíveis que são cristalizadas pelos artistas.

Esse esforço pode ser evidenciado na pesquisa de Freitas e Almeida (2020). As geógrafas visaram construir encontros relacionais com as pinturas cubistas de Albert Gleizes para questionar o sentido de representação da paisagem. Para tanto, se embasaram nos ensaios escritos pelo pintor em conjunto com a imersão nos mundos de cada pintura em busca do que pode ser (des)velado nas obras. Na interpretação feita pelas autoras, as telas pintadas transcendem o sentido de reprodução de uma realidade e implicam em uma forma artística de criar espacialidades não euclidianas que evocam uma quarta dimensão do espaço. Para além das suas visualidades e aparências, elas argumentam que as pinturas possuem um caráter performático e imaterial que advém da ambiguidade relacional entre ser e paisagem.

Similarmente, Castro (2023) realizou análises de práticas artísticas que compõem

“corpo-estratigrafias afetivas” por meio das obras em tecido da peruana Ana Teresa Barbosa e das instalações da argentina Mariana Pellegrera. Na análise das criações dessas artistas, a autora salienta como ambas evidenciam imaginários de aproximação entre corpos humanos e entidades geológicas. Tais produções são inspiradas em cosmovisões latino-americanas que consideram a agência e autonomia dos seres geológicos. Ela destaca que essas criações expressam como os vínculos com os estratos líticos e as rochas podem constituir processos de descolonização dos territórios. Castro (2023) argumenta que essas sensibilidades criativas questionam as percepções espaciais hegemônicas que legitimam a expropriação e extração capitalista, as quais reduzem a geologia a recursos a serem extraídos.

Os exemplos indicados demonstram que a polissemia artística colabora problematizar os conceitos geográficos e suas compreensões teórico-práticas. Ao considerar as matrizes de ideias postas na arte como laboratórios experimentais para imergir em imaginações de mundos (im)possíveis, o (re)torno criativo das geografias culturais situa diálogos interdisciplinares que provocam a reflexão caleidoscópica acerca da multiplicidade das realidades geográficas.

As matrizes ideias das obras de arte são aberturas para variados sentidos e provocações que explicitam geograficidades. Conforme discorre Hawkins (2011, p.472, tradução livre), “o que se torna claro é a necessidade, como geógrafos, de não explorar a arte apenas como um objeto ‘finalizado’, mas também considerar as obras de arte como conjuntos de práticas, artefatos, performances e experiências”. Nesse sentido, as geografias criativas buscam realizar estudos que também se enveredam para as características processuais das artes.

Entender que as práticas artísticas não são um todo acabado com um sentido pré-estabelecido por aqueles que as criaram expande o escopo das análises geográficas acerca dessa temática. As proposições das geografias criativas também possuem o mérito de ir para além da consideração das artes como expressões sobre um dado lugar, região, território ou paisagem, compreendendo as formas como as obras produzem mundos e afetam as espacialidades. Essas concepções expandidas acerca do escopo interpretativo, especialmente no que diz respeito à potencialidade resignificativa das artes, fazem do (re)torno criativo uma oportunidade para problematizar também as metodologias, conceitos e teorias das geografias culturais.

4 QUAIS OS CAMINHOS PARA FAZER GEOGRAFIAS CRIATIVAS?

Em razão da noção expandida acerca das artes, o (re)torno criativo em geografia inspira seus praticantes a irem para além das descrições e observações que se limitam às representações ou à mensurabilidade. Esse movimento provoca as(os) geógrafas(os) a repensarem suas práticas e fazeres rumo a formas de engajamentos arte-geográficos. Nas palavras de Hawkins (2012, p.66, tradução livre), as “geografias criativas são usualmente celebradas por desafiarem os espaços, escrituras e estruturas da produção do conhecimento geográfico”.

Alinhavar as sensibilidades que são expressas nas geograficidades das artes exige das(os) pesquisadoras(es) uma postura ativa e aberta à experimentação. O desafio das geografias criativas e do (re)torno do diálogo entre os fazeres geográficos e artísticos se coloca nas maneiras de condução das investigações de modo a articular os dois campos de conhecimentos.

Hawkins e Straughan (2015) destacam que para além de retornar para as artes como um objeto ou uma temática de estudo, várias(os) geógrafas(os) recorrem à essas práticas também em função de seu potencial expressivo para a comunicação, execução e difusão das pesquisas. Por esse caminho, busca-se encontrar pontos de contato em que os fazeres artísticos inspirem práticas investigativas imersivas que se articulem à capacidade relacional e afetivo das artes.

Para Ferreira e Costa (2021, p.7) “Acreditar na atividade poética intrínseca à ciência é também tensionar a criação de um outro mundo por meio da linguagem. Uma linguagem que na sua essência não escapa da arte, pois ela é arte”. Nesse sentido, reatar os contatos com as artes é um caminho para também reavivar as tramas linguísticas de expressão geográficas. As inspirações nas artes podem infundir de poética as formas de fazer e descrever os mundos abarcados pela geograficidade.

Essa polinização cruzada pode beneficiar as geografias culturais por oferecer outros modos (criativos) de pensar e expressar sobre os sentidos dos lugares, das paisagens e dos territórios. Para Berger (2023, p.95, tradução livre), “as linguagens, metodologias, perícias e estratégias estéticas endêmicas às artes facilitam modos de representar e interagir com a materialidade interconectada do mundo”. Esses fazeres conduzem maneiras de entender e produzir afetos que desvelem os nexos (in)visíveis, (in)tangíveis e (im)possíveis da realidade geográfica que podem ser expressas nas matrizes de ideias das artes.

Os contextos artísticos são arranjos afetivos que envolvem múltiplos componentes. Por essa razão, as metodologias que têm sido desenvolvidas pelas geografias criativas não seguem um receituário fechado e costumam ser (re)elaboradas no processo de interação e encontro com as artes (Hawkins, 2014). O (re)torno criativo convoca as(os) geógrafas(os) a realizarem novos modos de pesquisa e de expressão dos resultados das investigações, muitas vezes constituindo linguagens geopoéticas ou geoestéticas.

Lorimer e Parr (2014) reiteram essa questão ao explicitarem que as geografias culturais contemporâneas têm experimentado com múltiplas formas de contar histórias, constituir narrativas e empregar visualidades. Nas palavras deles, essas investigações “exploram a arte da descrição, não apenas pelos prazeres que elas podem trazer (e são grandes prazeres), mas também para abrir rotas alternativas para o tipo de pensamento conceitual que se tornou esperado desde o retorno intelectual das pesquisas culturais” (Lorimer; Parr, 2014, p.544, tradução livre). As emergências desses fazeres geográficos demonstram um crescente interesse na construção de regimes de cientificidade que ultrapassam as barreiras disciplinares.

Para Hawkins (2015), a recente valorização de geopoéticas e de formas mais abertas de práticas de pesquisa influenciadas pelas artes atualizam as abordagens das(os) geógrafas(os) humanistas. Ainda que nem sempre sigam por caminhos fenomenológicos, as investigações efetivadas na conjuntura das geografias criativas buscam modos de acessar arranjos de afetos, intersubjetividades e intercorporeidades que se aproximam de notas de campo ou formas de escritas que evocam imaginários espaciais pluriversais e diversificados.

Tais estratégias de pesquisa arte-geográficas por vezes resultam na colaboração direta com artistas, escritores, poetas ou mesmo na composição de obras por parte dos pesquisadores (Hawkins, 2015). Como incita Magrane (2015) o (re)torno criativo possui a potencialidade de reposicionar as geografias culturais entre as pesquisas nas humanidades rumo a formas de expressão que compõem proposições que aspiram a ir para além das fronteiras entre escrita acadêmica e literária/poética.

Esse tipo de aproximação pode ser evidenciado no artigo composto por Dickens e Edensor (2022) em que eles contam histórias da jornada que percorreram para tentar encontrar uma instalação arquitetônica interativa feita por Keith Albarn chamada *The fifth dimension*. Embora a obra não esteja mais exposta, eles retornaram ao local e, a partir das conversas, foram levados a buscar outras obras do arquiteto. O artigo é escrito em vinhetas que compõem uma narrativa de acasos, memórias e (des)encontros. Eles expõem as

incertezas e os sentidos contingenciais da experiência de investigação. Para tanto, utilizam de uma linguagem geopoética que contribui para a compreensão sobre as efemeridades e os afetos dos lugares influenciados e ressignificados pelas artes.

Conforme eles apontam no texto, a própria pesquisa tornou-se um processo performático que envolveu aberturas à curiosidade, ao encanto e a criatividade de seguir por caminhos divergentes. Foi por estarem receptivos à transformação do seu fazer geográfico e à imersão nos lugares do acaso que os geógrafos supracitados puderam compreender os arranjos de afetos espaciais envoltos nas instalações.

Eles concluem que, ao se enveredar nas geografias criativas, a “pesquisa pode ser cansativa, frustrante e entediante. Ela pode ser também extraordinariamente encantadora e cheia de diversão. Nós propomos que tais experiências precisam ser reconhecidas e celebradas como integrais ao processo das pesquisas geográficas” (Dickens; Edensor, 2022, p.40, tradução livre). Colocar em evidência os caminhos inesperados da pesquisa e os situar como parte integrais dos resultados, como fizeram os geógrafos, é também uma das potencialidades do (re)torno criativo.

De acordo com Hawkins (2018), esses fazeres cultivam imaginários geográficos que podem tanto ser um exercício de expansão do impacto público da ciência, como também maneiras de expandir o repertório metodológico das(os) geógrafas(os). Se permitir expressar os (des)caminhos da pesquisa, recorrer a formas artísticas de expressão ou imergir em pluriversos de obras de arte podem criar modos sensíveis de abordar o espaço geográfico que aparece de maneiras diferentes em vários contextos investigativos.

Uma possibilidade desse processo pode ser vislumbrada no ensaio de Kelly, Lally e Nicholson (2023). Eles situam três reflexões articuladas pelas maneiras como as artes informam e influenciam suas práticas/experimentações geográficas com diversos temas de pesquisa. Nicholson apresenta como uma “geovisualização criativa” interdisciplinar associando arte e os SIGs (Sistemas de Informação Geográficos) colabora na condição de processo e resultado da pesquisa. Kelly explica como sua prática criativa feminista direciona dinâmicas de ensino-aprendizado utilizando mosaicos de desenhos para mapear fronteiras na guerra da Síria. Lally, por sua vez, descreve as inspirações e lógicas que guiaram seu projeto de realizar uma geografia histórica das “espacialidades da computação” por meio de performances-eventos de ciclismo no Vale do Silício nos EUA.

Outro caso de interação com as artes é a pesquisa de Berger (2023), em que ela efetivou uma instalação guiada pela observação estética da água em sua própria

residência. Por meio da obra *Oikos*¹, ela buscou demonstrar os espaços íntimos do cotidiano em arranjos arte-geográficos sobre as múltiplas experiências na/da bacia hidrográfica do rio Mitta Mitta na Austrália. Ao usar práticas criativas para integrar sua casa, sua ancestralidade e os espaços aquáticos, a geógrafa-artista abrangeu linguagens (geo)estéticas de materiais que colocaram a água como um corpo ativo ante à matéria passiva assumida pela hegemonia ocidental.

Durante o confinamento, Berger (2023) também utilizou variadas obras de arte para montar uma instalação maior intitulada *The River flowing through my Kitchen seen through the corner of my Mind's Eye* (O Rio fluindo pela minha Cozinha sendo visto pelas beiras dos Olhos da minha Mente), a qual foi composta por materiais encontrados na sua casa misturados com pinturas e fotografias inspiradas pela água que abastece as residências, assim como está presente nos imaginários dos povos originários. Cada obra formou uma espécie de arranjo afetivo que evocava outros lugares, práticas, memórias e corpos que se combinaram para dar tangibilidade aos sentidos emocionais da geograficidade da interação com os rios australianos.

No que se refere a ações de pesquisas de campo experimentais similares a Dickens e Edensor (2022), também pode-se situar as reflexões autobiográficas sobre as imaginações e experiências espaciais do caminhar realizadas por Ukan e Torres (2022). A metodologia deles (Ukan; Torres, 2022) pautou-se nas caminhadas realizadas pela primeira autora, uma artista-geógrafa, durante a pandemia em que ela se perdia pela cidade, fotografava as calçadas dos trajetos e posteriormente as correlacionava com objetos de argila construídos pelas marcas deixadas por seus pés.

Esse processo artístico de criação colaborou para que construíssem uma dimensão geopoética acerca do papel dos pés na materialidade do corpo como processo das dinâmicas espaciais do caminhar. Conforme expressam: “Caminhar é uma possibilidade de transformação e um movimento que reconhece o espaço como esfera de relações e interações que, por meio de trajetos, possibilita encontros: cria trajetórias” (UKAN; TORRES, 2022, p.3). A relação entre o chão, as caminhadas e as dinâmicas geográficas situadas pelas obras de arte geradas no contato geostético com a argila salientam essa dimensão criativa dos caminhos e lugares das cidades.

Similarmente, Boğaç (2019) utilizou de diários autoetnográficos e de mapas cognitivos artístico-geográficos compostos por montagens fotográficas para abordar as

¹ Instalação artística composta por tubos que percorriam a sua casa e que ecoavam áudios contendo *soundscape*s da água no encanamento residencial e na máquina de lavar roupas da artista-geógrafa.

mudanças decorrentes do conflito na República do Chipre. As obras literárias e visuais compostas pela geógrafa relatam seu engajamento emocional com o lugar, salientando as suas experiências pueris no bairro de Varosha, na cidade de Famagusta, e o (re)encontro com as “geografias proibidas e desconfortantes” ocasionadas pela interdição ao acesso a esse local. As alterações da paisagem se somam com as emoções, os afetos e os vínculos que são descritos pela narrativa geopoética da autora que possibilita que as(os) leitoras(es) imerjam na realidade geográfica por ela descrita.

Outro projeto significativo é o ensaio fotográfico que expõe múltiplas cenas de dessintonização (*misattunement*) nos trabalhos de campo etnogeográficos realizados por Zhang (2020) durante a elaboração da sua tese nas terras dos povos Ngunnawal, Ngambri e Ngarigu na Austrália. Cada curta vinheta fotográfica que compõe o texto demonstra geopoeticamente como ela se sentiu nos limites de suas capacidades e em múltiplas situações de inadequação/desconforto no contato com seus parceiros de pesquisa antes de conseguir de fato se sintonizar com o lugar. A geógrafa relata e situa os (des)encontros em campo e como eles colaboraram para sua reflexão sobre os sentidos e os afetos espaciais estudados.

Já no sentido da arte como forma de extensão, Velasco, Faria e Walenta (2020) realizaram uma pesquisa participativa sobre o envenenamento e a poluição no bairro East Cesar Chavez em Austin/TX, de predominância de população negra. Por meio de uma proposta (eco)feminista e descolonial, elas construíram materiais visuais crítico-criativos que colaboraram no engajamento da comunidade na luta contra essa dinâmica de racismo ambiental. Para isso, elas produziram zines e histórias em quadrinhos que visaram divulgar os resultados para instruir estudantes de escolas públicas da cidade e fazer a denúncia alcançar públicos mais abrangentes, os sensibilizando sobre as dificuldades cotidianas das(os) moradores.

Os variados exemplos citados nessa seção e na prévia demonstram que o (re)torno criativo em geografia conflui por uma multiplicidade de práticas que visam efetivar articulações arte-geográficas por meio de diversas aberturas metodológicas. Elas reforçam o diagnóstico de Rycroft (2019) de que progressivamente as geografias culturais têm associado o foco visual e representacional com estratégias mais viscerais e multissensoriais de consubstanciar as investigações. Os (des)encontros realizados por esses processos envolvem práticas abertas, relacionais e corporificadas que dificilmente conseguem ser transcritas para textos acadêmicos que sejam permeados pela objetividade.

Práticas geopoéticas, geoestéticas e de narrativas sensíveis, autobiográficas,

imagéticas ou performáticas parecem atender de modo mais fidedigno às experiências geográficas que são arquitetadas pelo (re)torno criativo. Acredito, como Cavalcante (2021, p.104), que é necessário “(re)descobrir geografias por aí a fora, geografias com mais poesia para a conformação de novos sentimentos de mundo; geografias poéticas, portanto, porque a criatividade é insurgente e política por natureza”. Em transcendência às análises de conteúdo ou de representações que visam reduzir a realidade a uma ou outra dimensão, fazer a própria geografia como arte e performance envolve evocar insurgências de (des)encanto que valorizam outras *geo-grafias*.

Apesar da potencialidade desse (re)torno criativo, considero importante destacar, como fazem Hawkins (2018) e Volvey (2007), que o apoio a essa virada não é universal, seja no contexto anglófono, francófono ou lusófono. Ainda é recorrente que artigos filiados a essa tendência sejam recusados por editores que respondem que o periódico aceita apenas artigos de Geografia ou por pareceristas que questionam a objetividade das análises ante ao “trabalho sério” envolvido na ciência.

Ao mesmo tempo, a pletera de pesquisas indicadas demonstra que há fissuras que podem ser expandidas. A crescente sementeira dos fazeres geopoéticos das geografias criativas vêm conquistando espaços e, se incomodam a alguns, talvez isso expresse que estão no caminho certo de construção de insurgências. Face aos desafios de uma ciência que em partes mantém-se na conjuntura (neo)positivista, as práticas performáticas e afetivas influenciadas pelas artes são fundamentais para destreinar os olhares acomodados e/ou resignados.

Posto que o lugar das geografias culturais historicamente têm sido o de expandir as fronteiras e brechas do fazer geográfico, demonstrando que não há uma “fórmula” pronta para essa ciência, creio que o (re)torno criativo pode colaborar sobremaneira para essa empreitada. A pluralidade de abordagens exemplificadas nesse ensaio evidencia que as práticas criativas ajudam a enfrentar os reducionismos e a entender os pluriversos de sentidos intrínsecos às *geo-grafias* experienciadas em diversos contextos.

Construir outros horizontes de análise centrados nas construções coletivas, criativas, poéticas e influenciadas por estéticas insurgentes que perpassam por autobiografias, narrativas (geo)literárias, vinhetas fotográficas, visualidades artísticas, performances corporais e múltiplas outras expressões pode colaborar para imergir no sentido existencial da realidade geográfica. Não perder de vista o caráter sensível, afetivo e corporificado da geograficidade suscita que as geografias culturais estejam abertas a essas experimentações geoestéticas e geopoéticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contatos entre Geografia e Arte podem ser férteis tramas para polinizações cruzadas de ideias, práticas e modos de fazer que ultrapassam as barreiras disciplinares. As geografias criativas apresentam tessituras que buscam criar contextos de entrecruzamentos de afetos, intersubjetividades e intercorporeidades que salientam as dimensões (in)visíveis, (in)tangíveis e (in)dizíveis da realidade geográfica expressa nas/pelas artes.

Escritas geopoéticas, investigações geoestéticas ou práticas imaginativas possuem o potencial de animar o campo das geografias culturais para variadas perspectivas sobre os lugares, as paisagens, as regiões e os territórios. Os enfoques performáticos realizados pelas geografias criativas e exemplificados nesse ensaio demonstram as virtualidades de trajetórias que podem valorizar transgressões aos discursos científicos hegemônicos, de modo a envolver e superar as representações.

Mais que fazer do (re)torno criativo em Geografia uma ampliação do escopo temático na consolidação de estudos na Geografia da Arte, deve-se situá-lo como um chamado para pluralizar as práticas das(os) geógrafas(os) culturais. As tramas apontadas pelos estudos contemporâneos nessa área fornecem importantes incitações para contribuir com insurgências de novas artes do fazer geográfico infundidas pela criatividade e pela interdisciplinaridade.

Trata-se de praticar as artes da geografia para semear novos mundos (im)possíveis que estão para além das possibilidades das linguagens com as quais muitas(os) geógrafas(os) estão acostumadas(os). Influir pelas tramas dos fazeres criativos é uma oportunidade para abrir a ciência geográfica para novos imaginários transformativos que expandam as brechas das imposições e façam frente às lógicas instrumentais de objetividade e mensurabilidade que ainda assombram esse campo do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Paisagens: uma contribuição da arte para a geografia sociocultural. **Espaço e Cultura**, n.49, p.125-142, 2021.

BERGER, B. N. The River Flowing through My Kitchen – a practice led inquiry into the aesthetic materiality binding body and world. **Australian Geographer**, v.54, n.1, p.89-105, 2023.

BIANCHI, P. Manifiesto de lo imposible y la responsabilidad del arte. **Accesos: Revista de investigación artística**, v.5, p.12-15, 2022.

BOĞAÇ, C. The process of developing an emotional nexus between the self and an uncanny geography: An autoethnography. **Emotion, Space & Society**, v.36, p.1-8, 2019.

CARLOTTI, L. L'art comme expérience du paysage. In : BERQUE, A. ; MAUPERTUIS, M. ; BERNARD-LEONI, V. (Orgs.) **Le Lien au Lieu** : Actes de la chaire de mésologie de l'Université de Corse. Éditions éoliennes : Paris, 2014, p.103-110.

CARVALHO, C. A verdade da obra: um diálogo entre ciência e arte através da Geografia. In: SERPA, A. (Org.) **Representação e Geografia**. Salvador: EDUFBA, 2021, p.137-160.

CASTRO, A. Geopoéticas líricas: Notas para una geografía inhumana desde prácticas artísticas *con* piedras en Argentina y Perú. **Punto Sur**, v.8, p.114-138, 2023.

CAVALCANTE, T. V. Geografia, insurgência e pesquisa de um ponto de vista humanista cultural. **Geograficidade**, v.11, n.1, p.98-105, 2021.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEUS, J. A. S.; PAIVA, R. C.; PARREIRAS, J. G. Arte urbana e a construção de novas paisagens como caminhos para a ressignificação da ecologia política. **Ciência Geográfica**, v.27, n.1, p.100-118, 2023.

DICKENS, L.; EDENSOR, T. Dreamlands: stories of enchantment and excess in a search for lost sensations. **Cultural Geographies**, v.29, n.1, p.23-43, 2022.

DOZENA, A. (Org.) **Geografia e Arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020a.

DOZENA, A. Horizontes geográfico-artísticos entre o passado e o futuro. In: DOZENA, A. (Org.) **Geografia e Arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020b, p.375-396.

ENGELMANN, S. Floating feelings: Emotion in the affective-meteorological atmosphere. **Emotion, space and society**, v.40, p.1-8, 2021.

ESHUN, G.; MADGE, C. Poetic world-writing in a pluriversal world: a provocation to the creative (re)turn in geography. **Social & Cultural Geography**. V.7, n. 3, p.1-9, 2016.

FERREIRA, M.; COSTA, O. Arte-geografia: o lugar como poética da imagem em *Serrinha luz e cores*. **Geosp**, v.25, n.2, p.1-17, 2021.

FREITAS, J. S. As (não) representações da paisagem no movimento cubista: percursos e inquietações geográficas nas pinturas de Albert Gleizes. **Caminhos de Geografia**, v.21, n.74, p.87-107, 2020.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar**: elementos para uma Geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.

GOMES, P. C. C. **Quadros Geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand, 2017.

GRATÃO, L. H. B. Trilhas interpretativas...o caminhar pela imaginação do habitar a Terra. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; BATISTA, G. S. (Orgs.) **Portais da Terra: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 1**. Teresina: EdUFPI, 2023, p.81-144.

HAWKINS, H. Dialogues and Doings: Sketching the Relationships between Geography and Art. **Geography compass**. V. 5, n.7, p.464-478, 2011.

HAWKINS, H. Geography and art. An Expanding field: Site, the body and practice. **Progress in human geography**. V.37, n. 1, p.52-71, 2012.

HAWKINS, H. **For creative Geographies: Geography, Visual Arts and the Making of Worlds**. Routledge: London, 2014.

HAWKINS, H. Creative geographic methods: knowing, representing, intervening: on composing place and page. **Cultural Geographies**, v.22, n.2, p.247-268, 2015.

HAWKINS, H. Geography's creative (re)turn: Toward a critical framework. **Progress in Human Geography**, v.20, n.10, 2018, p.1-22.

HAWKINS, H.; STRAUGHAN, E. **Geographical Aesthetics: Imagining space, staging encounters**. Ashgate: Surrey, 2015.

HOLZER, W. Arte e Geografia: Desafios ontológicos e epistemológicos. In: DOZENA, A. (Org.) **Geografia e Arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020a, p.397-431.

HOLZER, W. Geografia humanista e as humanidades: por uma epistemologia fenomenológica. **Revista da ANPEGE**, v.16, n.31, p.142-149, 2020b.

KAUSHIK, R. **Art, Language and Figure in Merleau-Ponty: Excursions in Hyper-Dialectic**. London: Bloomsbury, 2013.

KELLY, M.; LALLY, N.; NICHOLSON, P. J. On art and experimentation as geographical practice. **GeoHumanities**, v.9, n.1, p.1-31, 2023.

LORIMER, H.; PARR, H. Excursions – telling stories and journeys. **Cultural geographies**, v.21, n.4, p.543-547, 2014.

MAGRANE, E. Situating Geopoetics. **GeoHumanities**, v.1, n.1, p.86-102, 2015.

MARANDOLA JÚNIOR, E. J. M. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, v. 25, n.49, p.7-26, 2010.

MENDES, M. C. Arte física: Mutações Geográficas: Fronteira Vertical: O Crescimento Poético do Yaripo, por Cildo Meireles. In: TORRES, M. A. (Org.) **Fronteiras da paisagem**. Campo Mourão: Felicam; Curitiba: Editorial Casa, 2022, p.39-68.

MERLEAU-PONTY, M. **Signes**. Paris: Gallimard, 1960.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

RYCROFT, S. The Artist Placement Group: an archeology of impact. **Cultural Geographies**, v.26, n.3, p.1-16, 2019.

SILVA, M. A. S. Temos o direito de imaginar na Geografia? Sobre imaginações, emoções e paisagens culturais a partir de uma perspectiva simbólica. In: TORRES, M. A. (Org.) **Fronteiras da paisagem**. Campo Mourão: Felicam; Curitiba: Editorial Casa, 2022, p.221-256.

SOU, G.; HALL, S. M. Comics and Zines for creative research impact: Ethics, politics and praxis in geographical research. **ACME: An international journal for critical geographies**, v.22, n.1, p.817-841, 2023.

TUAN, Y. Literature and geography: implications for geographical research. In: LEY, D.; SAMUELS, M. S. (Orgs.) **Humanistic Geography: Prospects and problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978, p.194-206.

UKAN, T.; TORRES, M. A. Viver para caminhar: Caminhar para viver – experiências, imaginações e espacialidades dos pés. **RELACult**, v.8, ed. esp., p.1-15, 2022.

VELASCO, G.; FARIA, C.; WALENTA, J. Imagining environmental justice ‘across the street’: Zine-making as creative feminist geographic method. **GeoHumanities**, v.6, n.2, p.347-370, 2020.

VOLVEY, A. Land Arts : Les fabriques spatiales de l’art contemporain. **Travaux de l’Institut de Géographie de Reims**, v.129, n.1, p.3-25, 2007.

WOOD, D. **Reoccupy Earth: Notes toward Other Beginning**. New York: Fordham University Press, 2019.

ZHANG, V. NOISY FIELD EXPOSURES, or what comes before attunement. **Cultural Geographies**, v.27, n.4, p.1-17, 2020.
